

Universidade de São Paulo
Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz” – ESALQ
LCF5875 – Oficina de Educação Superior

Gabriela Santos da Silva

ALBAGLI, S. Divulgação científica: informação científica para a cidadania? – Brasília: Ciência da Informação, 1996.

O trabalho aborda o papel social da divulgação científica e tecnológica, incluindo aspectos históricos e motivações da época. A cientista social e especialista em ciência aberta Sarita Albagli inicia o texto com a seguinte informação:

“A informação social da ciência e da tecnologia no contemporâneo – sua importância estratégica nas estruturas política, econômica e cultural vigentes – recoloca, em um novo patamar, a relação entre **ciência, poder e sociedade**”.

Nesse contexto a autora expõe a incorporação do progresso que a ciência e a tecnologia passam a ter com questões sociais e de interesse público, porém, ao mesmo tempo do pertencimento e de como se torna um bem mercantil. Esse dilema leva a uma emergência da comunidade técnico-científica, legitimando-se junto à sociedade.

Albagli acredita que a sociedade amplia o seu interesse e preocupação em conhecer – e também controlar – o que é produzido pela ciência e tecnologia como uma consequência de uma crescente inserção socioeconômica, onde se vê um caráter benéfico. A partir disso é importante o cuidado e o entendimento de como a sociedade percebe e absorve a atividade científica.

A ciência começa a ter uma expressão social a partir do século XVI, com o início da era moderna, tanto no plano cultural quanto do ponto de vista político e econômico, onde a ascensão da classe burguesa começa a estimular o desenvolvimento da ciência e da tecnologia. Porém, os resultados práticos (de interesse econômico) passam a existir com a primeira e a segunda revolução industrial, onde o progresso material passa a ser visto como potencial através da ciência. Foi então após a II guerra mundial que houve uma transformação da relação entre ciência e sociedade, a partir de quando, por exemplo, novas drogas passaram a ser produzidas em larga escala. No século XX a ciência passa a desempenhar um papel estratégico de força produtiva e mercadoria, o qual ambigualmente abriu espaço para uma ausência de controle social e deu espaço para práticas como a proliferação de armas nucleares, esgotamento de recursos naturais e impactos ambientais, além do agravamento de tensões sociais.

Foi então no final dos anos 60 e início dos anos 70 que se manifestou, devido ao quadro político e cultural do período, uma maior consciência e preocupação com os

impactos negativos do progresso científico e tecnológico, aumentando a necessidade de melhor informar a sociedade a respeito dos impactos causados pela produção científica.

Divulgação científica

Albagli supõe que a divulgação científica é a tradução de uma linguagem especializada para uma leiga, visando atingir um público mais amplo. Isso seria mais restrito que uma difusão científica, onde pode ser orientada tanto para especialistas quanto para o público em geral, e mais amplo do que uma comunicação científica, onde restringe a um grupo seletivo de pessoas em suas especialidades.

O papel da divulgação da ciência vem atingindo espaço ao longo do tempo e pode estar orientado para diferentes objetivos, como: Educacional – tratando-se de estimular a compreensão dos indivíduos sobre o desvendamento e a solução de problemas já estudados e também sob um caráter cultural, estimulando a curiosidade como um atributo humano; Cívico – com vista em transmitir a informação voltada para a ampliação da consciência a respeito de questões sociais, econômicas e ambientais; E de mobilização popular – ampliando a possibilidade de uma maior participação da sociedade na formulação de políticas públicas.

A autora disserta críticas sobre o modo como a ciência é passada para a sociedade e como esta a recebe. A primeira é uma afirmação sobre como o centro da preocupação social com relação à ciência não está no não entendimento, mas sim em questões relacionadas à ética da experimentação e aplicação. Neste ponto é citada a ideia de Wynne (1992) de que os únicos problemas da ciência estão em induzir que cientistas se comuniquem de forma interessante em termos leigos. Este mesmo autor ainda lembra que mais importante do que popularizar o conhecimento é informar a população sobre os mecanismos de controle, financiamento e organização.

“A própria comunidade científica ignora não apenas o significado social da atividade científica, mas também os fenômenos sociais e políticos que a influenciam”. Segundo Prewitt (1982), há alguma evidência de que a sociedade saiba mais sobre ciência do que cientistas sabem sobre a sociedade em geral.

Sobre os meios e instrumentos de divulgação, a autora cita a mídia e os museus. A mídia com uma frequente associação com o jornalismo científico (nos dias atuais até o jornalismo não científico, em especial na conjuntura política atual), que pode ter um caráter informativo e opinativo. Há quem defenda que o jornalismo científico, por necessitar de um manejo adequado com a linguagem, deveria ser realizado por profissionais do jornalismo. Por outro lado, há também a opinião contrária de cientistas, por acharem que há um problema na seleção de notícias e no tipo de abordagem sobre ciência. Há ainda as pessoas que consideram que o jornalismo científico contribui para fortalecer algumas ideologias dominantes como: o mito da ciência; a neutralidade da ciência e o preconceito com pequenos projetos, deslegitimando-os.

Sobre os museus, a autora fala que o papel educacional dessas instituições se alargou consideravelmente nos últimos anos, mas também se tornou objeto de debate

controverso. A percepção dos museus como depósito de objetos colecionados do “mundo natural” deve ser inserida num contexto de fácil compreensão para pessoas que não necessariamente tem acesso a uma educação científica. Além disso, para além do que foi escrito, acredito que é importante que rompa com a elitização dos museus. De maneira geral, a população que frequenta esse tipo de instituição é aquela pela qual a educação é privilegiada e por conta disso conhece o que se vê e o que se sente em museus. O acesso ao conhecimento precisa ser acima de tudo, horizontal.

Como considerações finais a autora traz que uma das tarefas mais difíceis a serem realizadas no desenvolvimento da popularização da ciência e tecnologia é alcançar um equilíbrio entre o entusiasmo por parte dos profissionais e a atividade de transmitir o conhecimento numa linguagem simples. Além disso cabe também algumas considerações sobre as especificidades da divulgação científica em países em desenvolvimento, por conta das desigualdades de vida e desigual apropriação dos resultados obtidos da revolução científica dos países desenvolvidos. São nos países em desenvolvimento que a população mais necessita ter acesso a informações que relacionadas a vida cotidiana, como saúde e higiene, nutrição, uso de fertilizantes e pesticidas, e adicionaria também os conhecimentos do que se chama de “ciência básica”, ou seja, a ciência não aplicada economicamente.